

RECENSÃO:

KUBY, Gabriele. *La Revolución Sexual Global. La destrucción de la libertad en nombre de la libertad*. Trad. esp. Pablo Cervera Barranco. Madrid: Didaskalos, 2017.

Luciana Fonseca de Aguilar Morais

Doutora em Ciências Sociais pela Universidade de Brasília, servidora pública federal e membro da Comissão de Bioética e Defesa da Vida da Arquidiocese de Brasília.

A socióloga alemã Gabriele Kuby analisa nesta obra o processo que culminou na revolução sexual que atingiu todo mundo nas últimas décadas. Em um trabalho detalhista e minucioso, a autora mostra como mudanças históricas de mentalidade e perspectiva trouxeram mudança na postura da sociedade que culminaram na destruição dos critérios morais. Com o discurso de aumentar a liberdade individual ao diminuir as limitações morais da sexualidade, a revolução sexual está destruindo a estrutura social de apoio entre os indivíduos, gerando caos social. É o novo totalitarismo sob o manto da liberdade, tolerância, justiça, igualdade, sem discriminação e com diversidade.

A Revolução sexual teve início na Revolução Francesa (Sec. XVIII). Seu lema “liberdade, igualdade e fraternidade” foi o resumo de todas as aspirações de mudanças existentes no período. O culto à razão autônoma permitiu a quebra na forma de construção de conhecimento e de pensamento, em contrapartida, surgiu no período a noção de controle social, oferecendo ao Estado a possibilidade de definir aspectos importantes da vida privada de sua população. Juntou-se a isso o surgimento de grupos de interesses e ideologias, que passaram a influenciar o Estado e parte da população em suas tomadas de decisão.

No início do século XX, o movimento feminista ganhou força. O que inicialmente era uma luta por direitos das mulheres, especialmente por parte da classe média, passou aos poucos a formular uma nova ideologia, a

ideologia de gênero. Mais que dirimir as diferenças sociais entre homens e mulheres, este grupo tinha interesse em desconstruir a sexualidade binária e permitir a mudança da identidade sexual a partir das preferências e percepções individuais. Judith Butler (pesquisadora americana, pioneira da ideologia do gênero) foi a principal intelectual feminista neste processo de “desconstrução” da identidade sexual. Butler atuou tanto academicamente quanto enquanto militante naquilo que ela mesmo denominou “jogos de linguagem”.

Outro agente importante na mudança de mentalidade foi a Organização das Nações Unidas – ONU. Embora a Declaração dos Direitos Humanos formulada em 1948 tenha fundamentação judeu-cristã, respeitando a noção de pessoa e sua dignidade, a partir de 1989 houve uma quebra de paradigma. O fim da Guerra Fria e, supostamente, o fim do comunismo, deu espaço para que as minorias tivessem força para se impor. Juntamente a isso, despontou diversos movimentos e organizações civis de diferentes Estados-nacionais, preocupado com temas como o controle populacional, aborto, direitos humanos (o que inclui os sexuais e reprodutivos e os LGBTI). As convenções promovidas pela ONU tornaram-se momentos onde estas temáticas foram amplamente debatidas, servindo tanto como foco de resistência, como oportunidade de propagação das ideologias que embasam a revolução sexual global

Um dos produtos das ações da ONU foram os Princípios de Yogyakarta. Kuby discorre detalhadamente sobre os 29 Princípios de Yogyakarta pois é a chave para a compreensão dos objetivos almejados pelos promotores da revolução sexual em nível mundial. O manual denominado “*Guia de ativismo dos princípios de Yogyakarta*” serve como direção para as ações na área de direitos humanos e tem como conceitos centrais as noções de “orientação sexual” e “identidade de gênero”.

Outro agente da Revolução é a União Europeia. Criada em 1993, trouxe novos instrumentos capazes de atuarem na propagação das orientações

e ideologias em seus países membros, como suas agências, conselhos e o próprio Parlamento europeu. A imposição para a adesão dos Estados à agenda imposta pela UE se dá por meio de financiamentos, leis e programas. As principais mudanças que ocorreram desde sua criação foram na relação entre a família e o Estado e a introdução da noção de “orientação sexual” nas legislações e ações estatais.

A promoção da igualdade de gênero, ou seja, a eliminação da discriminação contra as mulheres, traz consigo todo um conjunto de ideais que perpassam a desconstrução da ordem binária de gênero, como forma de chegar a uma diversidade de gêneros com iguais valores e direitos. Seguem neste combo a imposição de políticas, o reconhecimento de um terceiro gênero (ou de uma diversidade de gêneros possíveis). A forma principal desta Revolução se dá pela incorporação cultural do “gênero”.

Neste sentido, a Revolução a qual a autora trata é uma guerra cultural, que se passa primeiramente pela linguagem. Por meio da corrupção das palavras e ou do uso dos termos com novos sentidos, a linguagem vai sendo alterada e servindo de veículo para a mudança cultural. Um dos exemplos do uso da linguagem é o questionamento da supremacia do masculino, propondo termos neutros em respeito à diversidade de gênero. A educação infantil tem papel importante na incorporação da nova linguagem, onde as novas gerações já são educadas utilizando estes termos corrompidos ou com novos sentidos. Não há resistência nem questionamento.

A pornografia é outro mal que se propaga em meio a esta Revolução usando-se dos meios de comunicação. Com o advento da internet, sua expansão ocorreu de forma ainda mais intensa. Grande parte dos governantes ignoram a pornografia como um problema social não reconhecendo que em sua produção, ela promove a degradação e a humilhação de pessoas e em seu consumo, o vício e sérias consequências para os relacionamentos, causando inclusive, significativas mudanças e dificuldade de relacionamento e vínculo entre as pessoas.

Em conjunto com o movimento feminista trabalhou o movimento homossexual. Embora seja uma parcela pequena da população, este movimento foi aos poucos conseguindo alcançar suas reivindicações. Em 1976 a Associação Americana de Psicólogos retirou a homossexualidade do catálogo de doenças mentais, em 1990 foi a vez da OMS. As causas da homossexualidade começaram a ser questionadas e, em determinados momentos, se tornaram um assunto silenciado dentro das ciências em nome do “politicamente correto”. De mesmo modo, os riscos físicos, sociais e mentais da prática e do estilo de vida também não podem ser apresentados como risco de “homofobia”.

Além do êxito ao emplacar a noção de homofobia e leis em diversos países que protegem homossexuais de tratamentos discriminatórios, o movimento homossexual conseguiu levantar a bandeira do direito ao casamento homossexual, que já é aprovado em muitos países, bem como a adoção por parte desses casais. Neste caso, o direito do casal está acima do direito das crianças, foram ignorados estudos científicos que comprovam problemas na educação e formação das crianças adotadas por eles. Há ainda a mentira acerca da possibilidade de mudança de sexo, o que tem trazido problemas para diversas pessoas, especialmente jovens.

Gabriele Kuby traça então a relação entre a fé cristã e a homossexualidade. Na criação, onde Deus fez homem e mulher com uma perspectiva de complementaridade, e em Jesus, que reforçou a noção de sexualidade como expressão do amor, de forma vivificante e fecunda. O profundo trabalho desenvolvido pelo Papa São João Paulo II que ficou conhecido como a Teologia do Corpo colaborou com a divulgação da visão da doutrina católica sobre a sexualidade e a relação entre homem e mulher. Embora a Igreja Católica seja foco de resistência contra a revolução sexual, outras igrejas cristãs não conseguiram ir contra os grupos de pressões, permitindo mudanças em suas doutrinas e atuações pastorais. A amor trivial passou a ser um fator comum, inclusive no cristianismo.

Outro instrumento de mudança da mentalidade utilizada nesta Revolução é a educação sexual dos jovens, iniciando desde a mais remota idade e seguindo até a educação superior. Diversos programas de educação sexual foram promovidos e introduzidos de forma obrigatória nas escolas, oferecendo conteúdos corrompidos e metodologias duvidosas. O fato de existirem inúmeros casos de abuso sexual de crianças e adolescentes se tornou o mote para a proposição da educação sexual "preventiva", no entanto, em alguns casos, a forma como esta educação é oferecida pode trazer riscos para as crianças e os adolescente, causando a sexualização precoce e a má formação neste assunto ao destruir o sentido de pudor, a inocência e a própria infância. A falsa noção de liberdade sexual, a ideia errônea de "sexo seguro", de "opção de gênero", de "troca de sexo", "direito das crianças" são aspectos que mais atrapalham a correta formação dos jovens que promovem a real educação sexual.

A estratégia adotada para esta educação é o afastamento das crianças de seus pais e famílias, passando para a escola e o Estado a função de educar os jovens, tirando da família os instrumentos necessários para a educação moral de seus filhos. E são justamente as famílias, os pais os responsáveis por evitar e combater estes programas educacionais. Em contrapartida às ações educativas estatais, temos a oferecida pela Igreja Católica que, por meio de uma visão cristã do homem, é capaz de oferecer uma educação para o amor. Ao promover o respeito ao direito da família educar seus filhos, centrado na noção de castidade é possível oferecer uma formação onde existe uma noção positiva a sexualidade, estando esta em seu lugar na vida humana.

Além da Igreja Católica, é possível enumerar diversas iniciativas de resistência à revolução sexual, com atuações principalmente de grupos de pressão e ONG's que operam em diversos países tentando evitar a massificação das ideologias, as interferências na legislação e nas políticas de Estado.

Retomando à questão central do livro, a autora reforça que todo este processo trouxe "*a destruição da liberdade em nome da liberdade*". É um novo totalitarismo, "*sem bigodes ou botas militares*", que cala os discordantes, seja de maneira direta ao criminalizar, difamar, demitir etc, seja de maneira indireta, sob um manto de liberdade, com um discurso flexível e adaptativo, distorcendo e confundido as pessoas, impedindo-as de formar e utilizar a própria consciência. Este estudo destaca-se pela capacidade de apontar como se desenrolou historicamente a revolução sexual global, apontando os principais atores, estratégias e bandeiras levantadas em suas ações e nas reações a esta revolução.